

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 921	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$920	\$120	30 DE JULHO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



JOÃO PENHA

«Nervoso, mestre, domador valente da rima e do soneto portuguez».

NENHUMA monographia por mais completa diria melhor o retrato litterario de João Penha, do que estes dois versos d'esse tão recordado e encantador poeta, que se chamou Gonçalves Crespo. Esse artista requintado e singular soube cingir como ninguem a complexa individualidade do poeta do *Vinho e Fel*, na absoluta precisão de duas linhas e são ellas que, ainda que todos os elogios que lhe teem feito sossobrassem, ficariam para marcar-lhe um padrão immorreitoiro.

João Penha tem nas nossas letras um lugar á parte. Toda cheia de originalidade, a sua arte, e tão intensa a sua maneira pessoal que ninguem se lhe poude unir para o acompanhar. E assim

original, assim insurreccionado, temperamento de fogo ardente e pulsador só Gomes Leal fórma *pendant* com elle pelo orgiaco sabor da sua fórma tão desequilibradamente genial e tão intensamente sentida.

João Penha, tem como Gomes Leal, uma tara de talento em que por vezes, no desequilibrio das suas ideações se adivinha o genio. O talento de Gomes Leal é o de artista-bohemio, revoltando-se e crendo, pregoando canções de amor como na *Historia de Jesus*, com os labios ainda quentes das blasphemias das *Claridades do Sul*, gargalhando com lagrimas nos olhos, ou n'uma bebedeira de genio, deixando-o correr a flux, imprevisito, trahbordante como uma taça que se entorna no meio de um banquete.

João Penha é o bohemio-artista. Foi na bohemia de Coimbra, nos despiques a versos com Jun-

queiro e nas ironias em prosa com toda a sua geração que esse temperamento cresceu e tomou vulto. O *Vinho e Fel* foi escripto quando á volta da noitada João Penha se recolhia, ás horas em que lá fóra o dia se fazia luz.

Bohemio, tresnoitado e poeta levou consigo a tradição ao maximo do apogeu da esturdia coimbrã, deixando pela Universidade um rasto inapagavel feito de ironias e de saudades ao mesmo tempo doce como uma doce recordação, e ruído como um bando de endemoninhados e foliões.

Se João de Deus e Anthero deixaram na sua passagem por Coimbra um luminoso rastro que hoje é, na memoria de raros, uma via-lactea de saudades, João Penha teve tambem a sua e esta mais bizarramente tecida. Foi alli que elle se formou poeta e se consagrou definitivamente. Na sua obra ha um trecho admiravel: a *Sylvia*. Em toda a nossa litteratura tão falha de trechos comparaveis não ha um só que a este se eguale. João Penha é mestre e a sua obra é toda ella a integração da sua pessoa. Casa-se bem a tradição com a obra e a obra com a individualidade pessoal. Inconfundivel, talvez unica, deixa-nos a impressão do ruído e da bohemia que é ainda o seu nome.

Junqueiro disse já em um artigo que João Penha deveria ter o livro da sua emoção. E eu creio. Esse livro deveria ser formidavel, porque este homem que tem o condão de ser grande pelo riso, será enorme, immenso, extraordinario, se nos quizesse fazer chorar.

Albino Forjaz de Sampaio.

Fim de Seculo

Era galante, mas fria,
Anjo talvez; mas em prosa;
Via o mundo côr de rosa,
E d'essa côr se vestia.

Um vate, que perseguia
Como um doído a caprichosa,
N'uma tarde luminosa,
Com voz doce lhe dizia:

«Como é triste a minha estrella!
«E não me tiras a adaga
«Que este meu peito flagella!

«Ouve o Dirceo de Gonzaga'
«Amor...» interrompe a bella:
— «Amor com dobrões se paga.»

João Penha.



Chronica Occidental

Nos jornaes de segunda feira appareceu publicada, sob o titulo *A Lide á hespanhola*, e assignada pela direcção da Sociedade Protectora dos Animaes, a seguinte declaração:

«A Sociedade Protectora dos Animaes, tendo reclamado perante o actual sr. governador civil do districto contra a realisação de toiradas com lide a hespanhola, declara que não pode á mesma Sociedade caber responsabilidade alguma nos lamentaveis incidentes que hontem se deram na Praça do Campo Pequeno, por não ter a auctoridade superior do districto attendido á reclamação que lhe foi feita, e protesta contra esse facto.»

Pois, se a Sociedade Protectora dos Animaes deseja que as toiradas acabem em Portugal, não tem mais do que calar-se, e verá como, continuando os espectaculos repugnantes d'aquella maneira, o divertimento predilecto do publico de Lisboa decahirá por si. Nada menos artistico, nada mais risivel—não fosse a barbaridade—do que a lucta a que assistimos—e em que figuraram no mais ignobil martyrio umas tristes pilecas de carroça depois de muitos annos de serviço. O que é arte tem de ser bello ou não lhe merece o nome. E que belleza pode existir n'esse bruto montado n'um cavallo já a cahir de podre, elle, e infelizmente o pobre animal tambem, ambos logo no chão, como quasi sempre succede? São lindos os quites, dizem, não os ha tambem no toureio portuguez?

O que se passou domingo, no Campo Pequeno foi estúpido. Até um pobre cavallo andou em volta da Praça com as tripas a cahirem-lhe do ventre arrombado, rasgado pelos paus do toiro.

Ha quem, por um instincto que o pudor devia esconder nos que fossem mais intelligentes, gosa com espectaculos assim; mas não o defende em nome da arte.

Muito poderíamos aprender com os hespanhoes; mas temos o mau sexiro de só irmos buscar ao estrangeiro o que lá tem de peor: a Hespanha os picadores, a França o theatro obsceno, e quanto mais a outros paizes! E tanta bella arte que despresamos!

Agora em S. Sebastião, os que gostam de crueldades tiveram o summo prazer de assistir a um combate d'um tigre e d'um toiro. Caro pagaram a curiosidade. A jaula foi arrombada, toiro e tigre saíram e um terror panico apoderou-se dos espectadores. Foram atirados tiros sobre as feras, mas com tão pouco cuidado que as balas acertaram em muita gente. Cafés e lojas da vizinhança, onde muitos se refugiaram, ficaram com loiças e vidros quebrados. Senhoras desmaiadas foram pisadas pelos que fugiam de cabeças perdidas.

De quem foi a culpa? Os engenheiros que haviam ido observar as condições da jaula disseram que esta precisava ser reforçada; o empresario diz que foi o publico quem reclamou a continuação do combate já depois do tigre vendido. A culpa tem-a quem lá foi.

Um dos mais gravemente feridos por uma bala foi um engenheiro francez que da sua terra viera a Hespanha assistir ao combate. Disse um telegramma que elle já havia morrido do ferimento. Mas, se teve um bocadinho de tempo para o arrendimento, dolorosa lhe havia de ter sido a morte.

Castiga-se ahí qualquer carroceiro, porque demais espanca o desgraçado cavallo n'uma subida, e, logo que se falla em divertimento, todas as crueldades podem ser permissidas! Não será caso sujamente immoral? Se amanhã o carroceiro em sua legitima defesa, allegar no tribunal que acha divertidas as arrojadas nas ancas do bicho que comprou com o seu dinheiro, que lhe ha de, com justicia, responder o juiz?

—Vejo que o meu amigo é um verdadeiro artista; vá-se embora e queira desculpar

E se não fôr assim, é porque já não ha logica no mundo.

Um dos reis de Portugal, que por sua fraquissima intelligencia se tornou mais celebre, tambem pelos seus estúpidos companheiros foi muito aclamado por gostar d'esta qualidade de divertimentos. Chegou a haver pregadores que do pulpito elogiavam D. Afonso VI pela lucta em que elle quizera ver um leão e um toiro. Era rei, não lhe faltavam rapapés. Assim que o depuzeram, foi descompostura em toda a linha ao desgraçado.

A Praça do Campo Pequeno tinha uma boa enchente, mas não se conclue d'ahi que todos os que lá foram o fizeram pelos picadores de vara larga. Artistas hespanhoes, e entre elles, mais que todos, o Revertito, fizeram-nos esquecer por vezes os seus patricios.

Ainda sobejou muita gente para encher o Jardim Zoologico, onde se effectuou uma nova ascensão do balão *Portugal*, e as barracas da feira de Alcantara que se despediam n'esse domingo.

O balão *Portugal* foi da praça dos toiros avis-

tado correndo já a grande altura. Tomou caminho diferente do da outra vez. Passou sobre a cidade, atravessou o Tejo e foi pôr sem incidente os aeronautas n'uma propriedade do sr. José Maria dos Santos, no Poceirão.

A feira mudou-se para o Campo Grande, com excepção do circo Majestrick que permanecerá em Alcantara. Com a rapidez dos electricos é natural que os feirantes continuem com a mesma sorte. Um passeio até lá é n'estas tardes de calor um verdadeiro prazer pelas novas avenidas muito frescas.

Dois theatros continuam abertos em Lisboa, o da Trindade, onde se representa *O Espelho da Verdade* e o da Avenida, onde Palmira Bastos se vai mostrando e sendo applaudida no seu numero repertorio.

O que mais interessou, com respeito a theatros, n'estes ultimos dias, foi a representação no Colyseu da comedia lyrica de Leon Cavallo, *Zaza*.

Até nem parecia ser caso para dar-se em Lisboa n'este fim de verão em que estamos. Verdade é que o calor nos tem demonstrado um amor verdadeiramente excepcional. De toda a parte nos chegam queixas, até dos paizes do norte; e nós estamos aqui gosando todas as noites uma temperatura deliciosa.

Ao menos isto tiveram de muito bom as novas avenidas que romperam Lisboa por todos os lados. A ventilação que estabeleceram torna-as realmente um passeio agradável, basta que o vento nos obsequie girando para o quadrante norte.

E já não é pouco. Lisboa no verão um bocadinho triste offerece-nos um grande conchego e um céu maravilhoso. Contentemo-nos.

Teve agora seu hospede illustre, o principe de Monaco, que no seu yacht *Princese Alice*, descançou uns dias no Tejo indo de viagem para os Açores, sitio muito de sua predilecção. Prepararam-lhe em S. Miguel uma recepção magnifica, tendo a camara posto seu nome d'elle a uma das principaes avenidas de Ponta Delgada. El-rei, sr. D. Carlos, visitou o principe que foi ao Paço da Pena cumprimentar a Rainha sr.^a D. Amelia.



PRINCIPE DE MONACO

passar-se, quando o contracto fôr apresentado ás camaras.

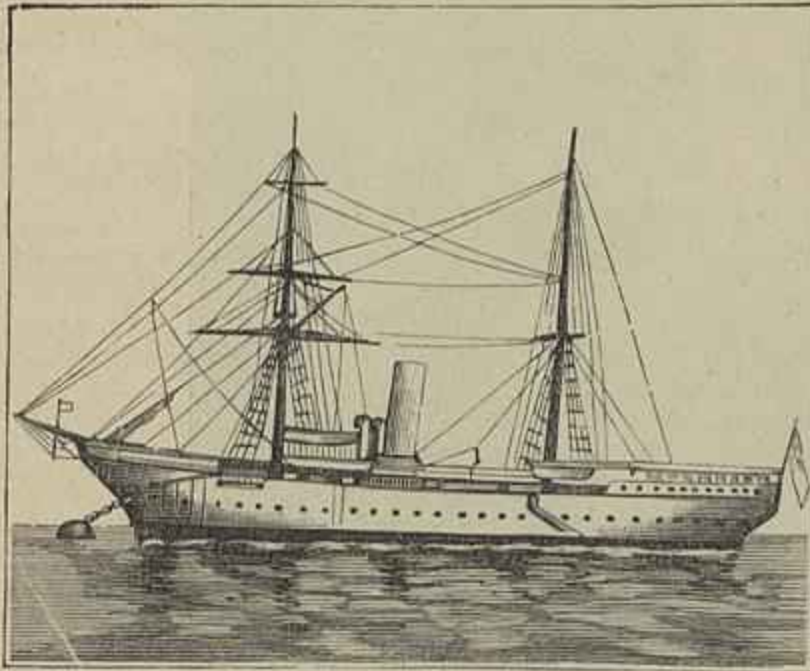
A lucta é a vida, só d'ella se descança com a morte.

Velhissimos morreram agora dois homens, a quem a sciencia alguns favores deveu em Portugal Henrique Midosi, decano dos advogados, muito conhecido dos rapazes do meu tempo como auctor

das *Poesias Selectas*, e João Tedeschi, decano dos pharmaceuticos e pharmaceutico da Casa Real. Ambos eram nas suas classes respeitadissimos.

Longamente viveram; largo tempo tiveram para cumprir sua missão. Mas, ainda quasi na mocidade, em pleno triumpho, mais dolorosa foi a morte de Hygino de Sousa, de todos tão respeitado pelo seu talento, tão querido por suas excellentes qualidades. Especialista de doenças d'olhos, tornára-se notavel por sua pericia e tinha larga clientela. Antigo jornalista, no jornal revelava que não só para as sciencias seu espirito educadissimo tinha vastas aptidões. Sentidissima foi sua morte por quantos o conheceram.

João da Camara-



YACHT «PRINCESE ALICE»

O principe de Monaco, Alberto I, tem 56 annos de idade, e, como se sabe, tem feito curiosos e muito importantes estudos oceanographicos. Acompanhado pelo dr. Alberto Girard visitou demoradamente o museu installado no palacio das Necessidades.

Foi esta visita decerto o que mais o interessou em Lisboa. Que lhe importará a elle as discussões que por ahí vão? Não ha como ser-se homem de sciencia para se encontrarem bons refugios.

Quem nos dera ter uma mania scientifica qualquer, para então nos não importarmos absolutamente nada com o que fosse por ahí, nem sequer com a Companhia dos Tabacos, que parece ser afinal o que ha de mais poderoso cá pela nossa terra. Fala-se agora em milhares de contos com menos importancia do que qualquer de nos se refere em nossa casa a doze vintens.

A lucta teve varias surpresas; mas nem por isso deixou de ser violenta. Veremos o que vai

Guerra entre a Russia e o Japão

Dos combates navaes travados entre japonezes e russos, que mais importancia tem tido, pela audacia do cometimento, em que os russos soffreram mais uma derrota, foi o de Vladivostoh, no mar do Japão.

Apresentando os retratos dos almirantes russo Bezobrazof e japonex Kaminura, que commandavam esse combate, registramos mais um facto importante d'essa guerra, que tão grandes surpresas está revelando ao mundo, excedendo toda a expectativa.

Os dois almirantes são duas individualidades, que se impõem pela sciencia e brio com que dirigiram o combate e se um d'elles foi vencido pelos azares da guerra, nem por isso perdeu de seus brios e competencia, pois sustentou valorosamente a lucta.

A Tuna do Lyceu Polytechnico e o Professor Raul Campos

No dia 3 do corrente tivemos o prazer de assistir no Lyceu Polytechnico, á primeira audição publica da Tuna d'este instituto de ensino, um dos melhores da capital, instalado n'um antigo palacio da calçada do Combro.

A inauguração da aula de musica e instrumentos de corda data de 1901 e a formação da Tuna do mesmo estabelecimento de ensino que se manteve em estado prospero até 1902, anno em que falleceu João José de Figueiredo, fundador do collegio, chegando a ter um effectivo consideravel de executantes.

Em seguida a este transe doloroso para o collegio, veio a direcção de Antonio Joaquim Abranches, o qual seguindo em tudo as pisadas de João José de Figueiredo, manteve com a sua alta influencia, sem alteração, não só a existencia da Tuna, como ainda empregou todos os esforços para que ella prosperasse.

Infelizmente apenas durou tão honrada direcção pouco mais de 6 mezes.

Havendo um interregno pela mudança de director, pouco a pouco se foi desmantelando a Tuna a ponto de não ficar existindo, por falta de alumnos, senão a aula primitiva.

Manteve-se d'este modo até que em março de 1904 retomou a direcção do collegio Antonio Joaquim Abranches o qual dedicou á Tuna as mesmas attentões que antes e d'accordo com Raul Campos empregou os maiores esforços, conseguindo o desejado fim.

Reconstituiu-se a Tuna, sendo a sua primeira audição publica no dia 3 do corrente, como disse, n'uma festa que os alumnos do Lyceu Polytechnico promoveram em homenagem ao seu actual director.

Foi uma festa altamente sympatica e que a todos deixou satisfeitos pela forma distincta e correcta como os alumnos executaram os numeros de musica sob a regencia do professor Raul Campos, que mais uma vez mostrou o seu bello methodo de ensino e grande competencia.

Raul Campos com quanto ainda bastante novo, pois conta apenas 22 annos de idade, tem demonstrado bem a evidencia as suas aptidões, tanto como estudante laureado que foi do Conservatorio Real de Lisboa, mas ainda como professor de musica que é dos mais competentes. Actualmente é director da Tuna do Real Collegio Militar e da Escola Academica, de que n'um dos proximos numeros do OCCIDENTE nos occuparemos.

PRAIA DAS MAÇÃS

Terminus da linha electrica de Cintra

Esta formosa praia é assim chamada devido a um rio, junção de diversos ribeiros, que n'ella desaguam, atravessando alguns pomares de macieiras e em annos de abundancia d'este fructo, serem levados pelas aguas ao oceano, onde suas ondas os arremessam á praia.

Está situada á distancia de 12 kilometros de Cintra, e o caminho de ferro a tracção electrica, inaugurado em 10 do corrente é um melhoramento que a fará prosperar, por ter todas as condições de ser de futuro uma boa praia de banhos.

A's nove horas e um quarto da manhã partiu o primeiro carro de Cintra conduzindo o engenheiro srs. Wander-Wallen, Charles Beherns e Tarcano, chefe do movimento, sr. Patricio, indo no mesmo carro muitas pessoas de Cintra, etc.

A linha é em extremo pittoresca e cheia de pontos de vista magnificos, pelo que vale bem a viagem, se não fosse ainda o ser o meio mais commo e economico da communicacão entre Cintra e a Praia das Maças, passando por Collares.

A inauguração do ultimo troço d'esta linha foi um dia de festa para os habitantes d'aquelles sitios.

PREMIO VALMOR

Como é sabido, o sr. Visconde de Valmôr instituiu no seu testamento, um premio annual para a melhor edificação que em cada anno se fizesse em Lisboa.

O jury nomeado para a classificacão, votou, por unanimidade, que o premio do anno de 1903, fosse conferido ao edificio que o distincto architecto, sr. Ventura Terra fez edificar, debaixo da sua direcção, na rua Alexandre Herculano, junto ao largo do Rato, e de que é tambem proprietario.

Segundo a opinção do jury o edificio de que reproduzimos a fachada principal, satisfaz plenamente as clausulas estabelecidas no legado do benemerito visconde de Valmôr, pois alem de ser um bello typo artistico digno de uma capital como a nossa, é de correctissima composicão de linhas e de um original affeito decorativo, impondo-se pelo modo, porque n'elle se destacam todos os modernos processos de construcção, sob a forma artistica, empregando certos productos de caracter eminentemente nacional, como é o azulejo que se acha largamente representado.

Folgamos de registrar mais esta manifestacão do talento artistico do sr. Ventura Terra, um dos mais habéis architectos dos nossos dias e em que se adivinha pujança para outros trabalhos de superior concepção e notabilissimo merito.

A sala da Camara dos Deputados e as dependencias annexas, que n'esta revista descrevemos largamente em o numero 867, são por si só bastante para consolidar a reputação do artista e consagral-o como um talento superior.

O sr. Ventura Terra a pedido da Camara Municipal, vai mandar collocar na sua casa a seguinte inscripcão:

PREMIO VALMOR
Anno de 1903
Architecto e proprietario,
Ventura Terra

Caixa economica da Hollanda—Um desenvolvimento—Armand Sassen.

Não foi a Hollanda um dos paizes em que mais cedo se instituiu officialmente a caixa economica; mas sem que por isso este facto deixe de evidenciar como aquelle povo se dedica com entranhado amor a tudo quanto é util. A creação da caixa economica da Hollanda (Ne der-landsche Rijks poste paarbanc) data de 1881.

Anterior a esta epocha existiam umas instituções semelhantes estabelecidas pela Sociedade do Bem Publico, que fóra fundada em 1774. Mas estas caixas economicas eram em numero limitado, e tendo demais o paiz atravessado diversas crises politicas, fazendo descer consideravelmente os fundos publicos, originou-se uma desconfiança que fez retrair quasi por completo os depositantes. Facto analogo se deu no nosso paiz com as caixas economicas estabelecidas pela Companhia Confiança. (1)

cada e no primeiro de abril de 1881, começou funcionando a caixa economica em todo o paiz.

E' administrada por um director geral, subordinado ao ministerio das obras publicas, havendo mais um conselho, para resolver quaesquer questões, e, principalmente para a collocacão dos diversos valores pertencentes á instituicão.

O juro é de 2,64 por c. ao anno, que, sendo divisivel por 24, tem a vantagem de facilitar o calculo dos interesses por quinsena.

Os depositos feitos durante a primeira quinzena somente vencem juro a partir de 16, e os depositos feitos durante a segunda quinzena a partes do 1.º do mez seguinte.

O juro cessa a partir do dia 1 ou 16 que precedeu o dia do reembolso. Não vencem juros as quantias superiores a 800 florins, nem as fracções do florim. O Estado garante os depositos feitos na caixa economica, o seu reembolso e os juros.

A caixa é isenta do imposto de sello e toda a correspondencia é franca de porte, pagando-se em compensacão, annualmente ao thesouro, 20 centimos por depositante.

O minimo dos depositos é de 25 centimos. Entretanto, para alargar a esphera da economia, distribuem-se gratuitamente ao publico, boletins divididos em espaços, que, preenchidos por sellos de 18 réis completam a importancia de um florim. Para as escolas ha boletins com 100 cascas.

Ao primeiro deposito, o depositante faz por escripto a declaracão de que adere a todas as condições relativas ao serviço da Caixa Economica, e firma a sua assignatura no registo de matricula.

Se não sabe escrever, o empregado competente declara esta circumstancia em todos os documentos.

Os menores e as mulheres casadas, podem ter um livrete pessoal e effectuar os seus depositos sem auctorisacão do seu representante legal ou marido. Podem tambem realisar-se depositos em favor d'outrem, mencionando as condições do reembolso.

O mesmo individuo pode ter depositos ordinarios e condicionaes, o que dá logar a livretes diversos ou distinctos segundo a sua natureza. O depositante, ao entregar a primeira quantia, recebe gratuitamente um livrete, em que se fazem as competentes indicações.

Os livretes completamente preenchidos são renovados gratuitamente.

No caso da perda d'um livrete o duplicado, que custa um franco, só é passado decorridas seis semanas.

O director da caixa economica postal está em correspondencia com a caixa de reformas para os operarios, havendo livretes especiaes para este fim.

Os depositos realizados pelos menores ou mulheres casadas não podem ser levantados, no caso de protesto dos respectivos representantes legais.

Muitas são as disposições adoptadas para o funcionamento da instituicão; mas o verdadeiro e mais proficuo regulamento está na superior direcção que Armand Sassen lhe tem sabido imprimir, procurando por todas as formas radicar no espirito do publico os habitos da economia.

Não basta crear instituções e fazer leis; tudo isso pode apresentar engenho. Mas o que é necessario é tornar pratico e pôr em execução o que se creou ou legislou.

Na Hollanda comprehendeu-se isto e por todas as formas se facilita realisar depositos e reembolsos. Isto tanto nas cidades como nos campos. Em todos os relatorios da caixa economica hollandesa encontramos sempre medidas novas com o fim de alargar a instituicão e radical-a no espirito do publico.

E' por estas razões que o numero dos depositantes se eleva de anno para anno, mostrando os seus algarismos como é florecente o seu estado, e como todos comprehendem a sua utilidade.

A população da Hollanda é de 5.504.000 habitantes.



EDIFICIO DA CAIXA ECONOMICA DA HOLLANDA

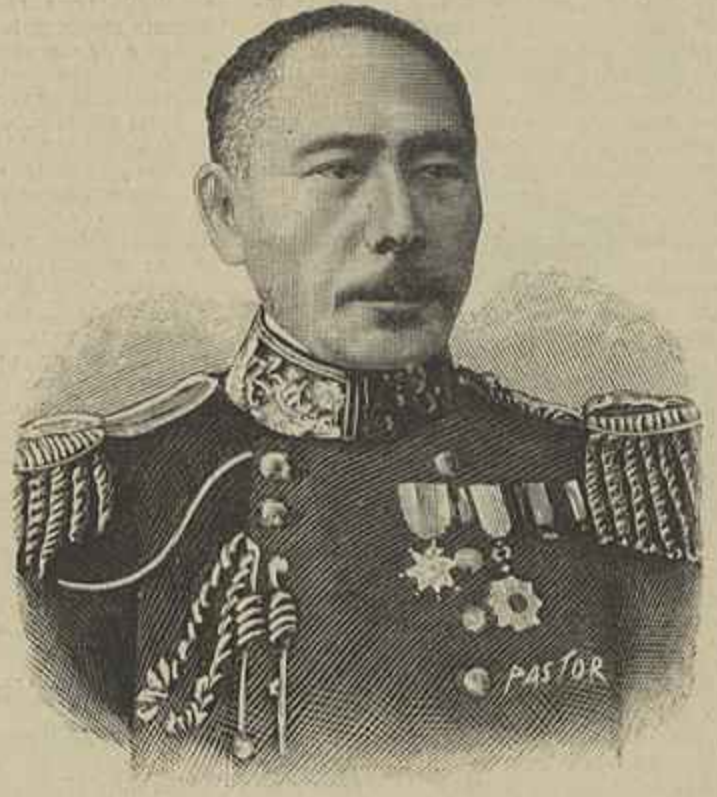
Não foi sem luta que estas instituções se estabeleceram na Hollanda, não porque os seus impugnadores fossem contrarios á ideia, mas porque entendiam não ser esta a missão do Estado, e que só á iniciativa particular competia desenvolver e manter uma organisação puramente economica e social.

Ao Estado cumpria simplesmente a fiscalisação. Mas no parlamento hollandez a questão foi lucidamente tratada, e a discussão correu sem asedume politico, de forma que a ideia foi abra-

(1) Vid. As caixas economicas, 1880.



ALMIRANTE RUSSO DEZOBRAZOF



ALMIRANTE JAPONÊZ KAMINURA

GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO



Pereira Serzedello — Sá Magalhães — Silva Lopes — Dionisio de Jesus — Duarte Ferreira — I. Luiz d'Almeida — Rebello Guedes
 S4 Magalhães — Tavares Correia — Feio Ervedosa — Carlos de Medina — Simões e Silva — J. Augusto de Figueiredo
 PROF. RAUL CAMPOS

TUNA DO LYCEU POLYTECHNICO

O numero de depositantes está na razão de 1 livrete por 5,8 da população.

Entre a Hollanda e a Belgica estão estabelecidos os depositos internacionaes.

Segundo a lei eleitoral hollandeza, todos os habitantes tendo completado, antes de 15 de maio a idade de 25 annos, e estando no 5 de fevereiro decorrido um anno e sem a menor interrupção, possuidores de um deposito de 50 florin, *admi-ni-mum*, teem a faculdade de eleger os membros da segunda camara dos Estados geraes. Basta para documento uma declaração do director da caixa economica, certificando que o requerente é depo-sitante.

As caixas escolares foram estabelecidas em 1887.

Os seus relatorios, são habilmente redigidos e acompanhados de valiosos mappas e dyagrammas.

Armand Sassen com a sua dedicação por este assumpto, procura não só fazer conhecido no estrangeiro a sua caixa economica, mas ainda en-ce-ta uma propaganda para que em todos os pa-izes os relatorios destas instituições sejam acom-panhados de um extracto em francez. E' isto o que elle tem feito ha annos, para que todos pos-sam estudar e apreciar aquelles documentos.

O seu benefico pensamento já tem sido ado-ptado pelos directores das caixas economicas da Suecia e da Hungria. E' de esperar que tão util alvitre encontre seguidores, porque desta forma todos poderão conhecer o desenvolvimento de uma das instituições economicas mais saluta-res.

Nem todos conhecem as linguas hollandeza, hungria e sueca, e ainda muitas outras embora di-



PRAIA DAS MAÇÃS, TERMINOS DA LINHA ELECTRICA DE CINTRA, INAUGURADA NO DIA 10 DO CORRENTE



CASA DO ARCHITECTO SR. VENTURA TERRA NA RUA ALEXANDRE HERCULANO QUE OBTEVE O PREMIO VALMOR DE 1903

gnas de apreço pelos seus monumentos literários. Fazer, portanto, por meio de uma lingua, como o francez quasi universal pelo menos na Europa, conhecidos todos esses documentos, é decerto um serviço prestado aos estudiosos e ainda mais um estímulo para novos trabalhos.

Em Amsterdã existe tambem uma antiga caixa economica fundada em 1848, e que publica um resumo das seus relatorios em francez.

Tendo-se fundado a caixa economica postal, era de esperar que a antiga caixa economica soffesse grande diminuição no seu desenvolvimento. Tal facto, porem, não se tem dado.

No relatorio da caixa economica da Suecia, de 1899, vem um quadro comparativo que demonstra que quanto ao numero de livretes e á media por 1:000 habitantes, ser a Hollanda que occupa o primeiro logar.

A caixa economica da Hungria foi fundada em 1886.

N'esta caixa economica ha o facto de avultarem os depositantes do sexo femenino, o que é symptoma de que perferem fazer as suas economias, a desbaratar o producto do seu trabalho ou rendimentos, em coisas puramente futeis, segundo os caprichos das modas ou os falsos arreboques que nem por isso são attributo de maior belleza.

A caixa economica da Suecia foi fundada em 1884. Tem proximo de 2:500 delegações, nas quaes, em geral, são empregadas as mulheres. Segundo as ultimas estatisticas, ha 106 livretes por 1:000 habitantes. Na Hollanda o numero de delegações da caixa economica, eleva-se a 1.335. O systema empregado é de procurar todas as facilidades para depositos e reembolsos. D'esta forma nas povoações que estão distanciadas das sedes das delegações, utilizam-se os empregados das postas rurales, que andam sempre munidos de livretes provisórios, afim de receberem quaesquer quantias, passando d'ellas recibos.

Enviadas estas importancias á sede da caixa, por intermedio da delegação mais proxima, pela mesma forma é depois entregue ao depositante o livrete definitivo. Para os reembolsos pratica-se da mesma forma.

E' assim que a caixa economica hollandeza tem alcançado um tão notavel desenvolvimento.



ARMAND SASSEN

Armand Sassen é um homem de superior talento, notavel economista e um espirito verdadeiramente pratico, e a elle deve a Hollanda o progresso de uma instituição tão util. Como homenagem de consideração, publicamos o seu retrato, pois é justo fazer conhecidos os trabalhadores benemeritos da causa social.

Tambem publicamos a fachada do magestoso edificio da caixa economica.

Segundo o ultimo relatorio, vemos que a somma dos depositos elevou-se (1902) a 47.573.480,91 ou 18.077.022.000 réis; media por caderneta, 18.700 réis, por deposito 13.370 réis.

Costa Goodolphim.



O Pedesteanista Henry Mayer

A pedestreania é um genero de sport que a poucos agrada por ser extremamente fatigante e para o qual é preciso um organismo vigoroso de que nem todos são dotados.



HENRY MAYER

D'isto resulta ser sempre uma novidade interessante quando algum se propõe e leva a effeito uma longa viagem a pé como a que está realisando o sr. Henry Mayer.

Este pedestreanista partiu a pé de Osnabruck no 1.º de abril do anno passado para visitar os principaes paizes da Europa, e chegou ha dias a Lisboa, tendo percorrido já as mais importantes cidades da Hollanda, Belgica, Inglaterra, França e Hespanha.

Henry Mayer é allemão e novo, traja apropriadamente, capacete branco e um laço com as cores da sua nacionalidade, no braço esquerdo.

Anda diariamente 70 kilometros a pé, para o que tem de dar 75:000 passos, e durante a viagem feita já rompeu 38 botas.

De Lisboa segue Henry Mayer para Faro.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig. Nötel

Um anno depois

(Continuado do numero antecedente)

Quem tenha estado em Hildesheim, na época a que me refiro, não ignorará, de certo, que, para ir do theatro de verão ao interior da cidade, é inevitavel atravessar o terreiro do paço episcopal, e em seguida a este a praça que fica entre o palacio do governador e a prisão da cidade.

Um dia, pois, indo eu, concludo o ensaio, a caminho do restaurante em que me havia afreguesado, eis que, ao atravessar a dita praça, oiço proferir o meu nome. Páro, olho para todos os lados, mas na praça, pouquissimo concorrida, aliás, não topei com um unico rosto conhecido, presumindo, portanto, haver-me equivocado, sigo meu caminho, eis que torno a ouvir o meu nome; torno a parar, torno a olhar, e nem viv'alma a quem eu pudesse attribuir a intenção de chamar por mim. E digo comigo:—algun garoto que, por facécia de mau gosto, me quer fazer rabiar. Sigo por ali fóra, e volto a ouvir o meu nome, mas muito mais de rijo, d'esta vez, comquanto soásse como se viéra de longe a voz. Estaquei, e, com mau modo, exclamei:—Quem será que está a chamar por mim?!

—Oíço uma voz, bradando, e sempre distante, segundo se me afigurou:

«Estou aqui, olhe para cima!»—Ergui a vista para as janelas da parte superior da fachada do palacio do governador. Tornaram a chamar-me: «Ahi não, aqui, suba cá acima, faça favor!»

Indireitei a vista para o carcere da cidade e lá no topo, no quarto andar, por cima do telhado, eis que descubro finalmente a uma fresta, pequena, redonda, uma cabeça e um lenço branco, a abanar.

—E agora, viu-me? exclamou o dono da sobredita cabeça.

—Veja, se é que foi o senhor quem chamou por mim, retorqui.

—Está claro que fui, pois já me não conhece? Lembre-se d'aquellas suas botas á Cromwell!

Devo, porem, confessar, que, a principio, fiquei para ali como um parvo e puz-me a pensar nas mencionadas botas, mas sem poder atinar que afinidade poderia existir entre ellas e um pensio-nista da prisão de estado de Hildesheim, e muito menos com um sujeito, a quem julgaram necessario engaiolar lá nas alturas. Quando voltei a mim passada a primeira impressão de espanto, bradei-lhe: quem é o senhor e que relação terá com as minhas botas.

Responde-me de lá uma voz: «O meu nome é Wüstenfeld, pois nem já conhece o seu collega?»

Voltei-me, assustado, a ver se alguem teria ouvido a tão confiada interpelação, pois quem sabia qual era o delicto d'aquelle malventurado, e tornava-se-me algo desagradavel, o lembrar-me de que alguem poderia ter ouvido um prisioneiro tão rigorosamente enclausurado tratando-me de collega.

Um tanto contrafeito acenei-lhe a que se calasse; mas, quando adquiri a certeza de que não havia por ali viv'alma, alem da sentinella, a qual, indifferente aliás ao nosso colloquio, passeava cá e lá, em todo o socego, despedi-lhe o seguinte:

—Que demonio teria elle feito para que julgássem necessario catrafilá-lo, lá nas alturas?

Ecoou uma gargalhada rouca e a resposta não se fez esperar:

—Que opinião tem da minha pessoa, caro collega? Julga talvez que estou aqui encarcerado? nem pensar n'isso é bom. «Em cima do telhado reina a liberdade, aqui sequer ao menos, o ar não é contaminado pelas exhalações mefíticas da masmorra!» acho-me aqui apenas de visita, e disfructo tanta liberdade quanta pode disfructar o meu amigo!

—Qual historia! pensei, um tanto de rijo.

—Não me acredita? tornou Wüstenfeld, em breve o vou convencer, espere um nadinha, tenho extrema urgencia em conversar com o meu amigo.

Sumiu-se a cabeça e, d'ali a instantes, assomava o meu Wüstenfeld, em plena liberdade, á via publica.

Mas que mudança se havia operado, no espaço de um anno no seu aspecto exterior! Quasi que era difficil conhecê-lo. Pelo que dizia respeito ao semblante, usava ainda a decantada bigodeira do anno anterior, completada actualmente com uma péra á Luis Napoleão, porem quanto ao indumento, supposto este fosse ainda tão conspicuo como era então, era-o, todavia, no sentido inverso: o que outrora peccava pelo excesso, padecia actualmente de escassez! Sem entrar em descripção circumstanciada do seu trajo, notarei apenas que este se me afigura algo sordido. Estendeu-me a mão, com modo cordialissimo, e o mais carinhoso sorriso, divertiram-n'o immensamente as minhas aprehensões.

—Incarcerado, eu? Esta nem ao démo lembra! Ainda lá não chegámos, felizmente, meu caro Ludwig, com bem o diga: se bem que as coisas me tenham corrido deploravelmente, desde a última vez que nos vimos! —Estou aqui como hospede do meu amigo, o castello destes Paços! As nossas relações datam do periodo de tempo em que eu fui aqui director; retribue-me os bilhetes de favor de outrora facultando-me quartel, de graça. Mas se me não engano, vai jantar. Se me dá licença, acompanhá-lo-ei, e desde já me convido para seu comensal; tanto menos penoso lhe será este sacrificiozinho, visto como me apañhou por um preço inacreditavelmente modico aquellas minhas botas á Cromwell; foi justamente a cedencia das sobreditas que me acarretou esta macaca!

Não lhe disse que sim ou que não, pois que, effctivamente, o aspecto do individuo não era de molde a que algum se sentisse ufano com a sua companhia, e em conclusão: que me importava a mim semelhante homem?

Tinha-o visto uma unica vez, na vida, e nessa mesma occasião, comquanto de modo indirecto, depreciei-me na presença de Frost, meu director como actor menos de mediocre; mas que se lhe havia de fazer! agarrou-se-me aos calcanhares, e entrou impavido pela sala de jantar: afortunadamente, o ensaio da tarde, prolongadissimo, acabara a que horas e a maioria dos comensaes havia-se levantado da mesa e saído.

Quando acabámos de jantar, sem esperar convite da minha parte encetou a seguinte narrativa:

—Não ignora, prezadissimo amigo, que eu, o

anno passado, em circumstancias tão extraordinarias lhe trespasssei em Helmstedt aquellas minhas botas à Cromwell, por preço lastimosamente modico, pois me haviam custado 16 thalers em dinheirinho contado, e posso ainda mostrar-lhe a conta, se quizer dar-se o incommodo de me acompanhar a casa — e que me desfiz das mesmas, no intuito de me transportar para Aaschem, onde se havia dado uma vágua da nossa especialidade respectiva. Cheguei á dita cidade, no dia immediato, e apresentei-me acto continuo ao director, e segundo me persuado, impressionei-o favoravelmente. Deve recordar-se de que eu, áquella data, estava menos mal servido, com respeito a encadernação, pois, com certeza ainda terá presente aquella casaca azul com botões doirados; — e que tal, hein? — deve confessar que fazia um vislho! elegante dos pés á cabeça! — Mas vamos ao caso; o director distribui-me três papeis para estreia, o de cujo maior ou menor exito, tratando-se da minha pessoa, nem por sombras era licito duvidar, e o meu caro collega, como entendido na materia e não deixará de concordar, que o theatro de Aaschem se podia dar por feliz em apanhar a semelhante actor, e isto sem gabarola da minha parte. E supposto ao meu amigo lhe não coubesse a dita de admirar-me sobre as tabuas do palco, não deixará, aliás, de chegar a essa conclusão, presentando o meu garbo e respectiva elegancia: Foi pena que me não visse alguma vez representar de *Karl-Moor* ou de *Tenente Rei*; — não lhe digo nada... é comer e chorar por mais, como diziam em Berlim!

— O *Karl Moor*, principalmente! e, visto que chegamos á pagina negra da minha historia, não posso deixar de narrar-l'ha!

Resolvêra, pois de meu motu-proprio, estrear-me, desempenhando o *Karl Moor*; fizera-se apenas um ensaio corrido, achava-se ausente o director, viajando por motivos profissionais, e só estaria de volta pela noite adiante; o ensaiador dramático estava de cama e o ensaiador de opera, que o substituiu, fez-nos, por assim dizer, um ensaio rezado das scenas em que eu entrava. Perceberam, logo ás primeiras scenas, que eu sabia do officio, e deixaram-me ir por ali fora, sem sombras sequer, de interrupção.

(Continúa).

M. Macedo.

Os Navegadores e Conquistadores Phenicios e Carthaginezes

Por J. M. Pereira de Lima — Viuva Tavares Cardoso — Livraria — Editora

A continuação de trabalhos historicos aos quaes seu autor, Dr. Pereira de Lima, deu a denominação generica de *Paleontologia Social da Iberia*, constitue o segundo volume, *Phenicios e Carthaginezes*, ultimamente impresso, acompanhado de dedicatória ao inspirado orador Antonio Candido Ribeiro da Costa,

Ilustram o volume interessantes estampas e alguns mappas que completam o texto da obra onde tambem abundam notas preciosas.

Dado por natural inclinação a investigações historicas, apaixonado amante da *mestra da vida*, leio sempre com toda a atenção os livros em que se contém o produto da investigação alheia. Por isso, já assim li *Iberos e Bascos*, primeiro volume da coleção do autor e agora fiz o mesmo relativamente ao segundo.

Pereira de Lima revela-se-me em toda a altura da nobre empresa a que meteu hombros, e, á parte a falta de absoluto rigor vernaculo só encontro motivos para louvar o notavel obreiro da luz. Ele bebeu nas melhores fontes conhecidas elementos que o habilitaram a apresentar-se na cena da publicidade com segurança de assertos e convicções de erudito.

As obras estranhas de mais preclara elucidação e de mais provado valor científico, foram consultadas escrupulosamente bem como os testemunhos que existem a lume dos antigos commerciantes e navegadores que Sidon, Tiro e Cartago no passado impuzeram ao respeito e admiração do mundo.

Uma virtude registo ainda na pessoa do escritor Pereira de Lima: é o estilo despido de sobranceirismos de autoridade sem todavia omitir determinadas frases incisivas, muito de molde do nosso tempo, á nossa idade.

Ora, nestes termos, com taes dotes e predicações, redobraría o merecimento do volume, deixando o autor de empregar em suas paginas, o por completo, saliente, vim de, em vez de acabei de, etc, que, apesar de em voga na epoca actual

não são menos expressões improprias da riquissima e opulenta lingua em que falaram e escreveram Luiz de Camões e Antonio Vieira.

Obriga-me a esta declaração franca e sincera o facto do sr. Pereira de Lima notar sob critica, justissima e razoavel, num ponto do livro, o francesismo da palavra *toilette*, infelizmente, tanto em uso em Portugal com outras de identica procedencia, e servir-se da mesma palavra em outro ponto.

Quem, nas condições do Dr. Pereira de Lima, está dotando a literatura patria com uma serie de volumes de palpitante interesse historico tem, concomitantemente, a obrigação restrita de tornar os seus livros um verdadeiro modelo de pura lingua portugueza.

D. Francisco de Noronha.

NECROLOGIA

DR. HENRIQUE MIDOSI

Comquanto ha muito a doença e a idade o tivesse afastado da magistratura, que tão dignamente soube honrar e enriquecer com os fructos do seu talento e com a seriedade e hombridade do seu character, não deixou por isso a sua falta de ser uma perda sensível porque vivo, Henrique Midosi era como que a encarnação do dever a recordar o seu passado como exemplo digno de seguir e imitar.

Nos tribunaes, na imprensa nos congressos scientificos e no professorado, Henrique Midosi affirmou sempre o grau sublime da sua notavel intellectualidade, e os seus profundos estudos sobre jurisprudencia, quer se tratasse de legislação criminal, civil ou commercial, tinham-no de ha muito qualificado um distincto jurisconsulto e um abalisado causidico.



DR. HENRIQUE MIDOSI

Nascera em Lisboa em fevereiro de 1824, tendo portanto completado 80 annos em egual mez d'este anno e aos 24 annos de idade completava a sua formatura em direito, inscrevendo-se em 1848 como advogado na secretaria do Supremo Tribunal de Justiça.

Por decreto de 25 de Maio de 1852 foi nomeado professor substituto da 5.^a e 6.^a cadeiras do lyceu, passando a proprietario da 5.^a cadeira em 17 de janeiro de 1855.

Em 1859 foi encarregado de inspecionar as escolas publicas e particulares da cidade de Setubal, comissão que exerceu gratuitamente, presidindo tambem ali aos exames de francez a pedido da camara municipal.

Em 1860 foi louvado em officio de 20 de janeiro, pelo procurador regio da Relação de Lisboa, em razão do zelo e intelligencia demonstrados na forma como desempenhara interinamente na 5.^a vara as funções de representante do Ministerio Publico.

Por decreto de 3 de Abril de 1862 foi nomeado reitor do Lyceu de Lisboa e commissario dos estudos, de que requereu a exoneração, sendo por portarias de 21 de Maio e 2 de junho de 1863 auctorizado a sair do reino para visitar as escolas de França, Belgica e Inglaterra.

Em 28 de Outubro de 1865 um decreto referendado por Joaquim Antonio de Aguiar nomeou Henrique Midosi administrador substituto do Rocio, passando a exercer o logar de administrador substituto do 2.^o bairro por alvará de 14 de Dezembro de 1867, logo que foi alterada a divisão dos bairros.

Entretanto a sua carreira na advocacia ia-se firmando cada vez com maior fama pela forma notavel como elle entrava na defesa dos processos mais celebres d'essa epoca, entre os quaes figurava a famigerada companhia do «Olho Vivo» e o processo das notas falsas dos Silveiras, apprehendidas em abril de 1867.

Em 1868 foi nomeado administrador substituto do Bairro Central e por alvará de 23 de abril de 1869, nomeado para exercer as funções de presidente do Tribunal Superior do Commercio em todas as causas em que o juiz presidente interino, fosse patrono de alguns dos litigantes.

Fez parte da comissão consultiva do «Codigo Penal», creada por decretos de 13 de janeiro e 8 de outubro de 1870, sendo em novembro d'esse anno nomeado professor de direito commercial, geographia e historia do commercio do Instituto Industrial, logar em que ha annos tinha sido jubilado.

Foi o congresso internacional de direito commercial celebrado em Bruxellas em 1888, o ultimo a que assistiu Henrique Midosi por nomeação do governo.

O relatório apresentado pelo illustre jurisconsulto ao congresso juridico reunido em Lisboa no anno seguinte, evidenciou bem qual o grau de cooperação por elle prestada nas resoluções do congresso de Bruxellas.

Henrique Midosi era socio effectivo da Associação dos Advogados de Lisboa; academico professor da Academia Matritense de Jurisprudencia e Legislação, socio da Sociedade de Legislação Comparada de Paris, socio e advogado da «United States Law Association», de Nova York; socio da Sociedade Economica de Barcelona, socio da Sociedade Antropologica Hespanhola, etc.

Foi um dos fundadores da Sociedade de Geographia, sendo eleito para vogal do conselho Central da Sociedade, consecutivamente em 1876, 1877, 1878 e 1885.

Por occasião do Centenario de Calderon de la Barca Henrique Midosi foi encarregado de representar a Sociedade de Geographia, missão de que distinctamente se desempenhou.

A Associação dos Advogados de Lisboa dedicou-lhe uma sessão solemne para inaugurar nas suas salas o retrato do illustre jurisperito, sendo o elogio das suas qualidades moraes, dos seus elevados merecimentos e serviços feito pelo sr. dr. Alfredo Ansur.

Henrique Midosi collaborou no *Jornal do Commercio*, *Diario de Noticias*, *Commercio de Portugal*, *Mosaico*, *Annaes da Associação dos Advogados*, *Annuaire de legislation étrangère publié par la Société de Legislation Comparée*, de Paris, de que foi correspondente do respectivo Bulletin, etc.

São d'elle os seguintes trabalhos: *Primeiras noções da economia politica ou social*, trad. de Garnier, 1866.

Poesias selectas, 1860 a 1880. (Teve 10 ou 12 edições, para as escolas).

Elogio historico, do dr. Abel Maria Jordão de Paiva Manso. 1869. (Nos annaes da Associação dos Advogados).

Era presidente da comissão de paz e arbitragem da Sociedade de Geographia, e tinha as commendas de S. Thiago e da Real Ordem de Isabel a Catholica, a cruz da ordem de Leopoldo da Belgica e as palmas da Academia Franceza.

Falleceu em 18 do corrente victimado por cachecchia senil.

PAULO KRUGER

Um telegramma de Clarens, Suissa, datado de 14 do corrente e expedido quasi ao mesmo tempo para toda a Europa, dava a noticia de que na madrugada d'esse dia havia fallecido o ex-presidente da Republica do Transvaal, Paulo Kruger.

Os successos da guerra do Transvaal tão recentes ainda na memoria de todos, trouxeram á imprensa portugueza diferentes notas biographicas d'essa individualidade tão celebre, que terminou no exilio a carreira de heroismos e de abnegações, que foram o lêmnia da sua bandeira, da sua politica, do seu governo, e que não é preciso neste momento tornar a reconstituir.

Elevado de simples lavrador aos primeiros cargos do paiz a que pertencia, foi valente na guerra, persuasivo e criterioso no conselho, zeloso na administração publica, promovendo justiça a te-

dos, e até sagaz e fino diplomata, só com o fito de que ao seu tio querido Transvaal nunca fosse roubada a sua independencia, nem abatida essa bandeira que representava todo o seu orgulho de nação livre, nação feita de um pedaço de terreno conquistado aos indigenas, e onde um trabalho incessante e dedicado creara cidades e cidades importantes e de valor.

A lucta travada com todos os inimigos que lhe cubicavam a patria foi homérica. Desde que a Republica da Africa do Sul se tornou o centro de attracção das mais desmedidas ambições pela noticia de que em seu seio continha numerosos jazigos auriferos a ideia da absorpção nasceu e a nacionalidade da modesta republica ficou condemnada.

Sempre sentinella vigilante Kruger convencia uns, harmonisava outros, e, apesar de estar certo de que logo que se tratasse de defender a patria no campo da batalha todos os seus conterraneos se uniriam a uma voz, elle procurou continuamente entrar a acção da diplomacia enquanto pôde, conseguindo que a autonomia do Trans-

vaal se prolongasse, mais do que o tempo que algumas chancellarias europeas já lhe haviam marcado de existencia.

Kruger ainda tinha confiança em alguma cousa de sobre humano e aguardou os acontecimentos.

Não podia acreditar que sendo aquelle povo tão trabalhador, tão sobrio, tão fiel cumpridor dos preceitos da Biblia, enfim tão honesto e bom, se visse um dia reduzido, aniquilado, absorvido.

Mas que valem direitos de um povo perante a força dos canhões?

Todos sabemos o resultado da guerra do Transvaal e como Kruger, que queria aquella terra como a uma filha dilecta, se viu de repente compellido a nunca mais pisar o solo transvaaliano e a emigrar para a Suissa.

Depois d'isto não podia ser longa a vida do venerando presidente.

Paulo Kruger succumbiu a uma pneumonia complicada de lesão. Ha tempos que elle soffria de incommodos cardíacos.

Madame Eloff sua filha foi-lhe dedicada enfermeira.

O corpo de Kruger foi embalsamado e levado para o deposito mortuario de Clarens, esperando que o governo inglez, satisfazendo aos desejos tantas vezes manifestados pelo fallecido, dê ordem para ser transportado para Pretoria.



PAULO KRUGER



CASA EM CLARENS ONDE FALLECEU KRUGER



A «MORGUE» NO CEMITERIO DE CLARENS ONDE FICOU DEPOSITADO O CORPO DE KRUGER

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhores — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annuciada, 9 — LISBOA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Baeta Dias

Sempre artigos de novidade para brinçes

Rua Augusta — LISBOA

Kermesse de Paris

Sant'Anna Sá & Commandita

RUA DO PRINCIPE — AVENIDA PALACE

Especialidade em brinquedos e artigos de novidade

LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 411, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-^{das} del.^{nas} naras, clinica dentari e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

PARIS EM LISBOA
CHIADO 77

E a casa de MODAS que melhor sortido apresenta em artigos bons elegantes e de luxo
PREÇOS RECOMENDAVEIS E FIXOS

